



A PRIMEIRA APARIÇÃO DO DEMÔNIO A CHRISTOPH HAIZMANN

1,65

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA  
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

## SIGMUND FREUD

Com os Comentários e Notas de James Strachey  
Em colaboração com  
ANNA FREUD

Assistido por  
ALIX STRACHEY e ALAN TYSON

VOLUME XIX  
(1923-1925)

O EGO E O ID  
e  
OUTROS TRABALHOS

Traduzido ao Alemão e do Inglês sob a Direção-Geral  
e Revisão Técnica de  
JAYME SALOMÃO

Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do  
Rio de Janeiro. Membro da Associação Psiquiátrica do Rio  
de Janeiro. Membro da Sociedade de Psicoterapia Analítica  
de Grupo do Rio de Janeiro.

Coordenação Editorial de  
PEDRO PAULO DE SENA MADUREIRA

IMAGO EDITORA LTDA.  
Rio de Janeiro

**BIBLIOTECA  
DO IEPP**

NOTA DO EDITOR INGLÊS

EINIGE PSYCHISCHE FOLGEN DES ANATOMISCHEN  
GESCHLECHTS-UNTERSCHIEDS

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

- 1925 *Int. Z. Psychoanal.*, **11** (4), 401-10.  
1926 *Psychoanalyse der Neurosen*, 205-19.  
1928 *G.S.*, **11**, 8-19.  
1931 *Sexualtheorie und Traumlehre*, 207-20.  
1948 *G.W.*, **14**, 19-30.

(b) TRADUÇÃO INGLESA:

'Some Psychological Consequences of the  
Anatomical Distinction between the Sexes'

- 1927 *Int. J. Psycho-Anal.*, **8** (2), 133-42. (Trad. de James  
Strachey.)  
1950 *C.P.*, **5**, 186-197. (Reimpressão revista da tradução  
acima.)

A presente tradução inglesa é versão corrigida e com  
novas anotações, com título ligeiramente modificado, da publi-  
cada em 1950.

Este trabalho foi terminado em agosto de 1925, quando  
Freud o mostrou a Ferenczi. Foi lido em seu nome por Anna  
Freud no Congresso Psicanalítico Internacional de Homburg  
em 3 de setembro e publicado na *Zeitschrift* mais tarde, no  
outono (Jones, 1957, 119).

Aquilo que, com efeito, é uma primeira e completa reava-  
liação das opiniões de Freud sobre o desenvolvimento psico-  
lógico das mulheres, será encontrado condensado neste sucinto  
artigo. Ele contém os germes de todo o seu trabalho posterior  
sobre o assunto.

Desde muito cedo Freud queixou-se da obscuridade que  
envolvia a vida sexual das mulheres. Assim, próximo ao co-

meço de seus *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905d), escreveu que a vida sexual dos homens 'somente, se tornou acessível à pesquisa. A das mulheres ... ainda se encontra mergulhada em impenetrável obscuridade'. (Edição *Standard Brasileira*, Vol. VII, pág. 152, IMAGO Editora, 1972.) De modo semelhante, em seu estudo das teorias sexuais das crianças (1908c) escreveu: 'Em conseqüência de circunstâncias desfavoráveis, tanto de natureza externa quanto interna, as observações seguintes se aplicam principalmente ao desenvolvimento sexual de apenas um sexo — isto é, o dos homens.' (*Standard Ed.*, 9, 211.) Novamente, muitíssimo mais tarde, em seu opúsculo sobre análise leiga (1926e): 'Sabemos menos sobre a vida sexual das meninas que sobre a dos meninos. Mas não precisamos nos envergonhar dessa distinção; afinal de contas, a vida sexual das mulheres adultas constitui um "continente obscuro" para a psicologia.' (*Ibid.*, 20, 212.)<sup>1</sup>

Um dos resultados dessa obscuridade foi conduzir Freud a muitas vezes presumir que a psicologia das mulheres podia ser tomada simplesmente como análoga à dos homens. Disso há muitos exemplos. Em sua primeira descrição completa da situação edipiana, por exemplo, em *A Interpretação de Sonhos* (1900a), presume existir um paralelo completo entre os dois sexos, que 'a primeira afeição de uma menina é para com seu pai e os primeiros desejos infantis de um menino, para com sua mãe' (Edição *Standard Brasileira*, Vol. IV, pág. 273, IMAGO Editora, 1972). De modo semelhante, em sua longa descrição do desenvolvimento sexual das crianças na Conferência XXI das *Introductory Lectures* (1916-17), escreve: 'Como vêem, descrevi apenas a relação de um menino com seu pai e

<sup>1</sup> Ernest Jones escreve (1955, 468): 'Pouca dúvida existe de que Freud julgava a psicologia das mulheres mais enigmática que a dos homens. Disse ele uma vez a Marie Bonaparte: "A grande questão que jamais foi respondida e que ainda não fui capaz de responder, apesar de meus trinta anos de pesquisa da alma feminina, é: 'O que quer uma mulher?' "' Infelizmente, Jones não fornece a data dessa observação. O próprio Freud sugere uma explicação parcial de sua dificuldade no último parágrafo da Seção I de seu artigo posterior sobre "Sexualidade Feminina" (1931b), onde a atribui a uma peculiaridade de sua relação transferencial com as mulheres.

sua mãe. As coisas acontecem exatamente da mesma maneira com as meninas, com as necessárias modificações: uma ligação afetuosa ao pai, uma necessidade de livrar-se da mãe, como supérflua ...' Ou, falando da primitiva história da identificação em *Psicologia de Grupo* (1921c): 'A mesma coisa também se aplica, com as substituições necessárias, à menina' (Edição *Standard Brasileira*, Vol. XVIII, pág. 134, IMAGO Editora, 1976). Mesmo em *O Ego e o Id* (1923b) os complicados processos que acompanham e seguem a dissolução do complexo de Édipo, são supostos como 'exatamente análogos' em meninos e meninas (pág. 46, acima).<sup>1</sup> Ou a descrição do complexo de Édipo feminino pode ser simplesmente omitida, como no verbete para a enciclopédia de Marcuse (1923a), Edição *Standard Brasileira*, Vol. XVIII, pág. 298, IMAGO Editora, 1976. Por outro lado, ao descrever a 'fase fálica' no artigo sobre a organização genital infantil (1923e), Freud escreve francamente: 'Infelizmente, podemos descrever esse estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes na menina não conhecemos' (pág. 180, acima).

Com efeito, durante um longo período desde a época da análise de 'Dora' em 1900, contudo, o interesse de Freud não se dirigira para a psicologia feminina. Demorou quinze anos para que publicasse qualquer importante material clínico que tratasse de uma mulher. Surgiu então o caso da paranóia feminina 'que ia de encontro à teoria psicanalítica' (1915f), cuja essência residia na relação da paciente com sua mãe.

<sup>1</sup> Posição semelhante foi adotada no *Autobiographical Study* (1925d): 'os meninos concentram seus desejos sexuais em sua mãe e desenvolvem impulsos hostis contra seu pai como um rival, ao passo que as meninas adotam uma atitude análoga' (*Standard Ed.*, 20, 36). Aqui, porém, Freud acrescentou uma nota de rodapé em 1935, com uma drástica correção de suas opiniões anteriores e uma explicação de como elas surgiram: 'As informações sobre sexualidade infantil foram obtidas do estudo de homens e a teoria delas deduzida se relacionava a crianças do sexo masculino. Era bastante natural que se esperasse encontrar um paralelo completo entre os dois sexos, porém isso demonstrou não vigorar.' E prossegue fornecendo a essência dos achados pela primeira vez anunciados no presente artigo.

Não muito depois veio o caso de homossexualismo feminino (1920a), do qual o mesmo também poderia ser dito. Entre ambos surgiu o estudo das fantasias de espancamento (1919e), que se relacionava quase inteiramente com o desenvolvimento sexual infantil das meninas. E aqui já existem claras provas de insatisfação com a 'analogia exata' entre os dois sexos: 'a expectativa de existir um paralelo completo era equivocada' (*Standard Ed.*, 17, 196). Posteriormente, o problema da história sexual das mulheres sem dúvida esteve na mente de Freud, constantemente; e, embora pouco exista sobre ele em *O Ego e o Id* (1923b), foram as teorias aí desenvolvidas, concernentes ao final do complexo de Édipo, que, ligadas a novas observações clínicas, forneceram a chave para a nova tese. Freud já sentia encaminhar-se para ela em 'A Dissolução do Complexo de Édipo' (1924d); porém pela primeira vez é plenamente enunciada no presente artigo. Deveria ser ainda ampliada no trabalho posterior sobre 'Sexualidade Feminina' (1931b),<sup>1</sup> na Conferência XXXIII das *New Introductory Lectures* (1933a), e, finalmente, no Capítulo VII do póstumo *Esboço de Psicanálise* (1940a [1938]).

Quase todos os pormenores já estão presentes em uma forma condensada neste trabalho. Entretanto, é notável que muitos desses pormenores já estivessem à mão há muito tempo e só exigissem vinculação. Assim, certas peculiaridades no desenvolvimento sexual das meninas haviam sido notadas e se insistira sobre elas. Já na primeira edição dos *Três Ensaios* (1905d), Freud sustentara que nas meninas o órgão sexual principal era o clitóris; que, em conformidade com esse fato, 'a sexualidade das jovens é de caráter inteiramente masculino', e que 'uma onda de repressão na puberdade' é exigida antes que o clitóris ceda lugar à vagina e a masculinidade, à feminilidade (Edição *Standard Brasileira*, Vol. VII, págs. 225-8, IMAGO Editora, 1972). Com efeito, a maior parte desse aspecto havia sido indicada muitos anos antes, em uma carta a Fliess, de 14 de novembro de 1897 (Freud, 1950a, Carta 75).

<sup>1</sup> O acréscimo mais importante feito neste consenso foi a descoberta, baseada em novos materiais clínicos, da intensidade e duração da ligação pré-édipiana da menina à sua mãe.

O assunto foi levado avante no artigo sobre 'The Sexual Theories of Children' (1908c), onde foi posto em relação com a inveja que a menina tem do pênis e o complexo de castração (*Standard Ed.*, 9, 217-18).<sup>1</sup> O fato de o dano causado por isso a seu narcisismo conduzir ao ressentimento contra a mãe, foi apontado no trabalho sobre 'Alguns Tipos de Caráter' (1916d), Edição *Standard Brasileira*, Vol. XIV, págs. 355-6, IMAGO Editora, 1974, e outros fundamentos para esse ressentimento foram enumerados no caso clínico de paranóia, um pouco anterior (1915f), *ibid.*, págs. 301-2.

Tampouco a base fundamental da nova tese deixara de ser enunciada, embora durante longos períodos parecesse esquecida. Nos *Três Ensaios* encontramos a afirmação direta de que o primeiro objeto sexual da criança é o seio da mãe e que esse constitui o protótipo de toda relação amorosa posterior (Edição *Standard Brasileira*, Vol. VII, págs. 228-9, IMAGO Editora, 1972). Pretendia-se claramente que isso fosse verdadeiro tanto com relação às meninas quanto aos meninos, mas parece ser explicitamente repetido pela primeira vez aqui (pág. 312).<sup>2</sup> A dupla mudança, exigida da menina antes que ela possa chegar ao complexo de Édipo 'normal', se torna assim evidente: uma modificação em seu órgão sexual principal e uma modificação em seu objeto sexual. E o caminho se abre para uma investigação de sua fase 'pré-édipiana', juntamente com as diferenças entre meninas e meninos implicadas pelas hipóteses de *O Ego e o Id* — a diferença na relação de seus complexos de castração e de Édipo, e a diferença ulterior na construção de seus superegos. É a síntese desses diversos fragmentos de conhecimento, derivados de extratos históricos tão amplamente separados do trabalho de Freud, que concede ao presente artigo sua importância.

<sup>1</sup> Isso foi debatido com maior enfoque em 'O Tabu da Virgindade' (1918a).

<sup>2</sup> No artigo sobre narcisismo (1914c), esse fato primário é novamente enunciado (Edição *Standard Brasileira*, Vol. XIV, págs. 103-5, IMAGO Editora, 1974), embora, de certa maneira, passado por cima, e a distinção entre os primeiros objetos libidinais de meninos e meninas se concentra na distinção entre os tipos analítico e narcísico de escolha objetal.

## ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS DA DISTINÇÃO ANATÔMICA ENTRE OS SEXOS

Em meus próprios escritos e naqueles de meus seguidores, sempre mais ênfase é dada à necessidade de que as análises de neuróticos lidem de modo completo com o período mais remoto de sua infância, a época da primeira eflorescência da vida sexual. Apenas examinando-se as primeiras manifestações da constituição instintual inata do paciente e os efeitos de suas primeiras experiências, que de fato podemos avaliar com exatidão as forças motivadoras que levaram à sua neurose, e estar seguros contra os erros a que poderíamos ser induzidos pelo grau em que as coisas se tornaram remodeladas e sobrepostas na vida adulta. Essa exigência não é apenas de importância teórica, mas também prática, de vez que ela distingue nossos esforços do trabalho daqueles médicos cujos interesses se focalizam exclusivamente nos resultados terapêuticos, e que empregam métodos analíticos, embora apenas até certo ponto. Uma análise da primeira infância como a que estamos considerando, é tediosa e laboriosa, e faz, tanto ao médico quanto ao paciente, exigências nem sempre possíveis de ser cumpridas. Ademais, ela nos conduz a regiões obscuras onde ainda não existem postes sinalizadores. De fato, os analistas podem se sentir seguros, penso eu, de que não há risco de seu trabalho tornar-se mecânico e perder assim seu interesse, durante as próximas décadas.

Nas páginas seguintes apresento alguns achados de pesquisa analítica que seriam de grande importância, caso se pudesse provar que são universalmente aplicáveis. Por que não adiei sua publicação até que a experiência ulterior me tivesse dado as provas necessárias, se é que se possa obter tais provas? Porque as condições sob as quais trabalho experimentaram uma mudança, com implicações que não posso disfarçar. Antigamente eu não contava entre aqueles incapazes de reter o que parece ser uma nova descoberta, até que tenha sido confirmada ou corrigida. *A Interpretação de Sonhos* (1900a) e 'Fragmento da Análise de um Caso de Histeria' (1905e) (o caso de Dora) foram por mim retidos — se não pelos nove anos prescritos por Horácio — pelo menos durante quatro ou cinco

anos, antes que eu lhes permitisse serem publicados. Naqueles dias, porém, eu tinha tempo ilimitado à minha frente — 'oceans of time',<sup>1</sup> como um autor afável o diz — e o material despejava-se sobre mim em tais quantidades que mal se podia escapar a novas experiências. Ademais, eu era o único a trabalhar em um campo novo, de modo que minha reticência não envolvia perigo para mim nem perda para os outros.

Hoje, porém, tudo mudou. O tempo à minha frente é limitado. Sua totalidade não é mais gasta no trabalho, de modo que minhas oportunidades de efetuar novas observações não são tão numerosas. Se penso perceber algo de novo, fico incerto quanto a se posso esperar que se confirme. E, além disso, tudo quanto há de ser visto à superfície já foi exaurido; o que resta tem de ser lento e penosamente arrastado para cima, desde as profundezas. Finalmente, não estou mais sozinho. Um grupo ávido de companheiros de trabalho está apto a fazer uso daquilo que é inacabado ou duvidoso, e posso deixar-lhes aquela parte do trabalho que, doutra maneira, eu próprio teria realizado. Desta vez, portanto, sinto-me justificado em publicar algo que está em urgente necessidade de confirmação, antes que seu valor, ou falta de valor, possa ser decidido.

Examinando as primeiras formas mentais assumidas pela vida sexual das crianças, habituamo-nos a tomar como tema de nossas investigações a criança do sexo masculino, o menino. Com as meninas, assim supúnhamos, as coisas deviam ser semelhantes, embora de um modo ou de outro elas tenham, não obstante, de ser diferentes. O ponto do desenvolvimento em que reside essa diferença não podia ser claramente determinado.

Nos meninos, a situação do complexo de Édipo é o primeiro estágio possível de ser identificado com certeza. É fácil de compreender, de vez que nesse estágio a criança retém o mesmo objeto que previamente catexizou com sua libido — não ainda um objeto genital — durante o período precedente, enquanto estava sendo amamentada e cuidada. Também o fato de

<sup>1</sup> ['Oceanos de tempo.' Em inglês no original. Não é claro qual autor Freud tinha em mente. — A referência a Horácio é à sua *Ars Poetica*, 388.]

que, nessa situação, encare o pai como um rival perturbador e goste de se ver livre dele e tomar-lhe o lugar, é consequência direta do estado real de coisas. Demonstrei alhures<sup>1</sup> como a atitude edípiana nos meninos pertence à fase fálica e como sua destruição é ocasionada pelo temor da castração — isto é, pelo interesse narcísico nos órgãos genitais. O assunto fica mais difícil de apreender pela circunstância complicante de que mesmo em meninos o complexo de Édipo possui uma orientação dupla, ativa e passiva, de acordo com sua constituição bissexual; o menino também deseja tomar o lugar de sua mãe como objeto de amor de seu pai — fato que descrevemos como sendo a atitude feminina.<sup>2</sup>

Com referência à pré-história do complexo de Édipo nos meninos, estamos longe da clareza completa. Sabemos que esse período inclui uma identificação de tipo afetivo com o pai do menino, identificação que ainda está livre de qualquer sentimento de rivalidade com relação à sua mãe. Outro elemento desse estágio é, acredito, invariavelmente uma atividade masturbatória vinculada aos órgãos genitais, a masturbação da primeira infância, cuja supressão mais ou menos violenta da parte daqueles que estão encarregados da criança põe em ação o complexo de castração. Deve-se presumir que essa masturbação está ligada ao complexo de Édipo e sirva como descarga para a excitação sexual que lhe é própria. Contudo, é incerto se a masturbação possui esse caráter desde o início, ou se, pelo contrário, efetua seu primeiro aparecimento espontaneamente, como uma atividade de um órgão corporal, e só é colocada em relação ao complexo de Édipo em alguma data posterior; essa segunda possibilidade é, de longe, a mais provável. Outra questão duvidosa é o papel desempenhado pela enurese noturna e pelo rompimento desse hábito mediante a intervenção de medidas de educação. Estamos inclinados a estabelecer a conexão simples de que a enurese continuada é um resultado da masturbação e que sua supressão é encarada pelos meninos

<sup>1</sup> 'A Dissolução do Complexo de Édipo' (1924d) [neste volume, pág. 217. Grande parte do que se segue constitui elaboração desse artigo.]

<sup>2</sup> [Cf. *ibid.*, pág. 220.]

como uma inibição de sua atividade genital — isto é, como mantendo o significado de uma ameaça de castração;<sup>1</sup> contudo, ainda resta ver se estamos sempre corretos em fazer essa suposição. Finalmente, a análise nos demonstrou de maneira obscura como o fato de uma criança em idade muito precoce escutar os pais copularem, pode desencadear sua primeira excitação sexual e como esse acontecimento pode, devido a seus efeitos posteriores, agir como ponto de partida para todo o desenvolvimento sexual da criança. A masturbação, bem como as duas atitudes do complexo de Édipo, posteriormente se liga a essa experiência primitiva, tendo a criança subsequente interpretado seu significado. É impossível, contudo, supor que essas observações de coito sejam de ocorrência universal, de modo que a essa altura nos defrontamos com o problema das 'fantasias primitivas'.<sup>2</sup> Assim, a pré-história do complexo de Édipo, mesmo nos meninos, levanta todas essas questões para seleção e explanação, e existe ainda o problema de saber se devemos supor que o processo invariavelmente segue o mesmo curso, ou se grande variedade de estádios preliminares diferentes não pode convergir para a mesma situação final.

Nas meninas, o complexo de Édipo levanta um problema a mais que nos meninos. Em ambos os casos, a mãe é o objeto original, e não constitui causa de surpresa que os meninos retenham esse objeto no complexo de Édipo. Como ocorre, então, que as meninas o abandonem e, ao invés, tomem o pai como objeto? Perseguindo essa questão pude chegar a algumas conclusões capazes de lançar luz exatamente sobre a pré-história da relação edípica nas meninas.

Todo analista já deparou com certas mulheres que se aferiram com intensidade e tenacidade especiais à ligação com o pai e ao desejo, em que esse vínculo culmina, de terem um filho seu. Temos boas razões para supor que a fantasia de desejo foi também a força motivadora de sua masturbação infantil, e é

<sup>1</sup> [Cf. *ibid.*, pág. 219.]

<sup>2</sup> [Cf. os debates na análise do 'Wolf Man' (1918b), *Standard Ed.*, 17, especialmente págs. 48-60 e 95-7, e a Conferência XXIII das *Introductory Lectures* (1916-17).]

fácil formar a impressão de que, nesse ponto, viemos dar contra um fato elementar e não analisável da vida sexual infantil. Entretanto, uma análise rigorosa desses próprios casos traz à luz algo diferente, ou seja, que aqui o complexo de Édipo tem uma longa pré-história e constitui, sob certos aspectos, uma formação secundária.

O antigo pediatra Lindner [1879] certa vez observou que a criança descobre as zonas genitais (o pênis ou o clitóris) como fonte de prazer enquanto se entrega ao sugar sensual (sugar do polegar).<sup>1</sup> Deixarei como questão aberta saber se realmente procede que a criança assume a fonte de prazer, que acaba de descobrir, em troca da perda recente do mamilo da mãe — possibilidade a que fantasias posteriores (felação) parecem apontar. Seja como for, a zona genital é descoberta em alguma ocasião ou outra e não parece haver justificativa para atribuir qualquer conteúdo psíquico às primeiras atividades a ela vinculadas. O primeiro passo na fase fálica iniciada dessa maneira não é a vinculação da masturbação às catexias objetivas do complexo de Édipo, mas uma momentosa descoberta que as meninas estão destinadas a fazer. Elas notam o pênis de um irmão ou companheiro de brinquedo, notavelmente visível e de grandes proporções, e imediatamente o identificam com o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível; dessa ocasião em diante caem vítimas da inveja do pênis.

Existe um contraste interessante entre o comportamento dos dois sexos. Na situação análoga, quando um menino pela primeira vez chega a ver a região genital de uma menina, começa por demonstrar irresolução ou falta de interesse; não vê nada ou rejeita<sup>2</sup> o que viu, abrandando a expressão dele ou procura expedientes para colocá-lo de acordo com suas expectativas. Somente mais tarde, quando possuído de alguma ameaça de castração, é que a observação se torna importante para ele; se então a relembra ou repete, ela desperta nele uma terrível tormenta de emoção e o força a acreditar na realidade da

<sup>1</sup> [Cf. *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905d) [Edição *Standard Brasileira*, Vol. VII, pág. 184, IMAGO Editora, 1972.]

<sup>2</sup> [Ver nota de rodapé 2 do Editor Inglês a 'A Organização Genital Infantil', pág. 181, acima.]

ameaça de que havia rido até então. Essa combinação de circunstâncias conduz a duas reações, capazes de se tornarem fixas e, se assim for, quer separada, quer juntamente, quer em conjunto com outros fatores, determinarão permanentemente as relações do menino com as mulheres: horror da criatura mutilada ou desprezo triunfante por ela. Esses desfechos, contudo, pertencem ao futuro, embora não muito remoto.

A menina se comporta diferentemente. Faz seu juízo e toma sua decisão num instante. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo.<sup>1</sup>

Aqui, aquilo que foi denominado de complexo de masculinidade das mulheres se ramifica.<sup>2</sup> Pode colocar grandes dificuldades no caminho de seu desenvolvimento regular no sentido da feminilidade, se não puder ser superado suficientemente cedo. A esperança de algum dia obter um pênis, apesar de tudo, e assim tornar-se semelhante a um homem, pode persistir até uma idade incrivelmente tardia e transformar-se em motivo para ações estranhas e doutra maneira inexplicáveis. Ou, ainda, pode estabelecer-se um processo que eu gostaria de chamar de 'rejeição',<sup>3</sup> processo que, na vida mental das crianças, não apa-

<sup>1</sup> Essa é uma oportunidade de corrigir uma afirmação que fiz há muitos anos atrás. Acreditava que o interesse sexual das crianças, diferentemente daquele dos pubescentes, era despertado, não pela diferença entre os sexos, mas pelo problema de saber de onde provinham os bebês. Vemos agora que, pelo menos com as meninas, esse por certo não é o caso. Com os meninos não há dúvida de que isso pode acontecer, de um e de outro modo, ou com ambos os sexos circunstâncias fortuitas podem determinar o acontecimento. — [A afirmação mencionada no começo desta nota de rodapé aparece em mais de um lugar; e.g., no artigo sobre 'The Sexual Theories of Children' (1908c), *Standard Ed.*, 9, 212, no caso clínico do 'Little Hans' (1909b), *ibid.*, 10, 133, e numa passagem acrescentada em 1915 aos *Três Ensaíos* (1905d), Edição *Standard Brasileira*, Vol. VII, págs. 200-1, IMAGO Editora, 1972. Numa passagem anterior a qualquer dessas, contudo, em um trabalho sobre 'The Sexual Enlightenment of Children' (1907c), *Standard Ed.*, 9, 135, Freud de fato assume a opinião oposta — a aqui advogada.]

<sup>2</sup> [Essa expressão parece ter sido introduzida por Van Ophuijsen (1917). Freud adotou-a em "'A Child is Being Beaten'" (1919e), *Standard Ed.*, 17, 191. Cf. também pág. 223, acima.]

<sup>3</sup> [Para o processo paralelo nos meninos, ver 'A Organização Genital Infantil' (1923e), págs. 181-2, acima.]

rece incomum nem muito perigoso, mas em um adulto significaria o começo de uma psicose. Assim, uma menina pode recusar o fato de ser castrada, enrijecer-se na convicção de que *realmente* possui um pênis e subseqüentemente ser compelida a comportar-se como se fosse homem.

As conseqüências psíquicas da inveja do pênis, na medida em que não é absorvida na formação reativa do complexo de masculinidade, são várias e de grande alcance. Uma mulher, após ter-se dado conta da ferida ao seu narcisismo, desenvolve como cicatriz um sentimento de inferioridade.<sup>1</sup> Quando ultrapassou sua primeira tentativa de explicar sua falta de pênis como uma punição pessoal para si mesma, e compreendeu que esse caráter sexual é universal, ela começa a partilhar do desprezo sentido pelos homens por um sexo que é inferior em tão importante aspecto, e, pelo menos no sustentar dessa opinião, insiste em ser como um homem.<sup>2</sup>

Mesmo após a inveja do pênis ter abandonado seu verdadeiro objeto, ela continua existindo: através de um fácil deslocamento, persiste no traço característico do *ciúme*. Naturalmente, o ciúme não se limita a um único sexo e tem um fundamento mais amplo, porém sou de opinião que ele desempenha um papel muito maior na vida mental das mulheres que na

<sup>1</sup> [Cf. *Além do Princípio de Prazer* (1920g), Edição *Standard Brasileira*, Vol. XVIII, págs. 33-4, IMAGO Editora, 1976.]

<sup>2</sup> Em minha primeira consideração crítica de 'A História do Movimento Psicanalítico' (1914d) [Edição *Standard Brasileira*, Vol. XIV, págs. 68-9, IMAGO Editora, 1974], reconheci que esse fato representa o âmago de verdade contido na teoria de Adler. Essa teoria não hesita em explicar o mundo inteiro por esse único ponto ('inferioridade orgânica', o 'protesto masculino', 'afastamento da linha feminina') e se orgulha por haver assim despojado a sexualidade de sua importância e colocado em seu lugar o desejo de poder! Portanto, o único órgão que poderia reivindicar ser chamado de 'inferior' sem qualquer ambigüidade seria o clitóris. Por outro lado, ouve-se falar em analistas que se gabam de que, embora tenham trabalhado por dezenas de anos, jamais encontraram sinal da existência de um complexo de castração. Devemos curvar a cabeça em reconhecimento da grandeza dessa realização, embora ela seja apenas negativa, um virtuosismo na arte de passar por cima e equivocar-se. As duas teorias formam um interessante par de opostos: na última, nem um só traço de um complexo de castração; na primeira, nada mais que suas conseqüências.



dos homens e isso se deve ao fato de ser enormemente reforçado por parte da inveja do pênis deslocada. Antes, quando ainda não estava ciente dessa fonte do ciúme e considerava a fantasia 'uma criança é espancada', que ocorre tão comumente em meninas, construí para ele uma primeira fase na qual seu significado consistia em que outra criança, uma rival de quem o indivíduo tinha ciúmes, deveria ser espancada.<sup>1</sup> Essa fantasia parece constituir uma relíquia do período fálico nas meninas. A rigidez peculiar que tanto me impressionou na fórmula monótona 'uma criança é espancada' provavelmente pode ser interpretada de modo especial. A criança que está sendo espancada (ou acariciada) pode, em última análise, ser nada mais nada menos que o próprio clitóris, de maneira que, em seu nível mais inferior, a afirmação contera uma confissão de masturbação, a qual permaneceu ligada ao conteúdo da fórmula desde seu início, na fase fálica, até a vida posterior.

Uma terceira consequência da inveja do pênis parece ser um afrouxamento da relação afetiva da menina com seu objeto materno. A situação como um todo não é muito clara, contudo pode-se perceber que, no final, a mãe da menina, que a enviou ao mundo assim tão insuficientemente aparelhada, é quase sempre considerada responsável por sua falta de pênis. A forma pela qual isso historicamente ocorre consiste, com frequência, no fato de que a menina, logo após ter descoberto que seus órgãos genitais são insatisfatórios, começa a demonstrar ciúmes de outra criança, baseando-se em que sua mãe gosta mais dessa criança do que dela, o que serve de razão para ela abandonar sua ligação com sua mãe. Isso então terá efeito, se a criança que foi preferida pela mãe se tornar o primeiro objeto da fantasia de espancamento que termina em masturbação.

Um outro surpreendente efeito da inveja do pênis, ou da descoberta da inferioridade do clitóris, existe e é, indubitavelmente, o mais importante de todos. No passado, amiúde formei a impressão de que, em geral, as mulheres toleram a masturbação de modo pior que os homens, de que mais frequentemente lutam contra ela e são incapazes de usá-la em circuns-

<sup>1</sup> "'A Child is Being Beaten'" (1919e) [Standard Ed., 17, 184-5].

tâncias nas quais um homem se valeria dela como via de escape, sem qualquer hesitação. A experiência sem dúvida trará à tona inumeráveis exceções a essa afirmativa se tentarmos transformá-la em uma regra. As reações de indivíduos humanos de ambos os sexos naturalmente se constituem de traços masculinos e femininos. Não obstante, parece-me que a masturbação está mais afastada da natureza das mulheres que da dos homens e a solução do problema poderia ser auxiliada pela reflexão de que a masturbação, pelo menos do clitóris, é uma atividade masculina, e que a eliminação da sexualidade clitoridiana constitui condição necessária para o desenvolvimento da feminilidade.<sup>1</sup> Análises do período fálico remoto ensinaram-me hoje que nas meninas, logo após os primeiros sinais de inveja do pênis, manifesta-se uma intensa corrente de sentimento contra a masturbação, a qual não pode ser atribuída exclusivamente à influência educacional daqueles encarregados da criança. Esse impulso é claramente um precursor da onda de repressão que, na puberdade, extinguirá grande quantidade da sexualidade masculina da menina, a fim de dar espaço ao desenvolvimento de sua feminilidade. Pode acontecer que essa primeira oposição à atividade auto-erótica não logre atingir seu fim. E com efeito, esse foi o caso nos exemplos que analisei. O conflito continuou e na ocasião, como também mais tarde, a menina fez tudo quanto podia para se libertar da compulsão a masturbar-se. Muitas das manifestações posteriores da vida sexual das mulheres permanecem ininteligíveis, a menos que esse poderoso motivo seja reconhecido.

Não posso explicar a oposição que por esse modo é levantada pelas meninas à masturbação fálica, exceto supondo existir algum fator concorrente que faça a menina voltar-se violentamente contra essa atividade prazerosa. Esse fator está bem à mão. Não pode ser outra coisa senão seu sentimento narcísico

<sup>1</sup> [Uma referência à masturbação clitoridiana nas meninas apareceu na primeira edição dos *Três Ensaios* (1905d), Edição Standard Brasileira, Vol. VII, pág. 227, IMAGO Editora, 1972. No decorrer de suas 'Contribuições a um Debate sobre a Masturbação' (1912f), Freud expressou pesar sobre a falta de conhecimento a respeito da masturbação feminina (Edição Standard Brasileira, Vol. XII, pág. 311, IMAGO Editora, 1976).]

de humilhação ligado à inveja do pênis, o lembrete de que, afinal de contas, esse é um ponto no qual ela não pode competir com os meninos, e que assim seria melhor para ela abandonar a idéia de fazê-lo. Seu reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos força-a a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, para novas linhas que conduzem ao desenvolvimento da feminilidade.

Até aqui não se cogitou do complexo de Édipo, nem até esse ponto desempenhou ele qualquer papel. Agora, porém, a libido da menina desliza para uma nova posição ao longo da linha — não há outra maneira de exprimi-lo — da equação 'pênis-criança'. Ela abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; *com esse fim em vista*, toma o pai como objeto de amor.<sup>1</sup> A mãe se torna o objeto de seu ciúme. A menina transformou-se em uma pequena mulher. Se dou crédito a um único exemplo analítico, essa nova situação pode gerar sensações físicas que se teria de considerar como um despertar prematuro do aparelho genital feminino. Malo-grando-se mais tarde e tendo de ser abandonada, a ligação da menina a seu pai pode ceder lugar a uma identificação com ele, e pode ser que assim a menina retorne a seu complexo de masculinidade e, talvez, permaneça fixada nele.

Agora já expus a essência do que tinha a dizer: portanto me detenho, e porei o olhar sobre nossos achados. Alcançamos determinada compreensão interna (*insight*) da pré-história do complexo de Édipo nas meninas. Nas meninas, o complexo de Édipo é uma formação secundária. As operações do complexo de castração o precedem e preparam. A respeito da relação existente entre os complexos de Édipo e de castração, existe um contraste fundamental entre os dois sexos. *Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração,*<sup>2</sup> *nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração.* Essa contradição se esclarece se refletimos que o complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele inibe e limita a masculini-

<sup>1</sup> [Cf. 'A Dissolução do Complexo de Édipo', pág. 223, acima.]

<sup>2</sup> [Ibid., pág. 220, acima.]

dade e incentiva a feminilidade. A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio que estivemos considerando, é uma conseqüência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida; corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada. Em suas essências, portanto, nossos achados são evidentes em si mesmos e teria sido possível prevêê-los.

O complexo de Édipo, contudo, é uma coisa tão importante que o modo por que o indivíduo nele se introduz e o abandona não pode deixar de ter seus efeitos. Nos meninos (como demonstrei amplamente no artigo a que acabo de me referir [1924d] e ao qual todas as minhas atuais observações estão estreitamente relacionadas), o complexo não é simplesmente reprimido; é literalmente feito em pedaços pelo choque da castração ameaçada. Suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualizadas, e, em parte, sublimadas; seus objetos são incorporados ao ego, onde formam o núcleo do superego e fornecem a essa nova estrutura suas qualidades características. Em casos normais, ou melhor, em casos ideais, o complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente; o superego se tornou seu herdeiro. De vez que o pênis (para acompanhar Ferenczi [1924]) deve sua catexia narcísica extraordinariamente elevada à sua significação orgânica para a propagação da espécie, a catástrofe que ocorre no complexo de Édipo (o abandono do incesto e a instituição da consciência e da moralidade) pode ser considerada uma vitória da raça sobre o indivíduo. Isso constitui um ponto de vista interessante quando se considera que a neurose se baseia em uma luta do ego contra as exigências da função sexual. Entretanto, abandonar o ponto de vista da psicologia individual não é de qualquer auxílio imediato no esclarecimento dessa complicada situação.

Nas meninas está faltando o motivo para a demolição do complexo de Édipo. A castração já teve seu efeito, que consistiu em forçar a criança à situação do complexo de Édipo. Assim, esse complexo foge ao destino que encontra nos meninos: ele pode ser lentamente abandonado ou lidado mediante a repressão, ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal das mulheres. Não posso fugir à noção (embora hesite em lhe dar expressão) de que, para as mulhe-

res, o nível daquilo que é eticamente normal, é diferente do que ele é nos homens. Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens. Os traços de caráter que críticos de todas as épocas erigiram contra as mulheres — que demonstram menor senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição ou hostilidade — todos eles seriam amplamente explicados pela modificação na formação de seu superego que acima inferimos. Não devemos nos permitir ser desviados de tais conclusões pelas negações dos feministas, que estão ansiosos por nos forçar a encarar os dois sexos como completamente iguais em posição e valor; mas, naturalmente, concordaremos de boa vontade que a maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto.

Estou inclinado a atribuir algum valor às considerações que apresentei sobre as conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Estou ciente, contudo, de que essa opinião só pode ser sustentada se meus achados, que se baseiam em um bocado de casos, demonstrarem possuir validade geral e serem típicos. Se não, eles permanecerão não mais que uma contribuição ao nosso conhecimento dos diferentes caminhos pelos quais a vida sexual se desenvolve.

Nos valiosos e abrangentes estudos sobre os complexos de masculinidade e castração nas mulheres, da autoria de Abraham (1921), Horney (1923) e Helene Deutsch (1925), existe muita coisa que toca de perto naquilo que escrevi, nada, contudo, que coincida com ele completamente; de modo que, mais uma vez, me sinto justificado em publicar este trabalho.

